

# A VIRGEM MARIA NOS EVANGELHOS CANÔNICOS, NOS ESCRITOS APÓCRIFOS E NAS ORAÇÕES: INTERPRETAÇÕES SOBRE SEU CULTO NA BAIXA IDADE MÉDIA

THE VIRGIN MARY IN THE CANONICAL GOSPELS,  
APOCRYPHAL WRITINGS AND PRAYERS: IMPRESSIONS  
ON THE CULT DURING THE LATE MIDDLE AGES

MARIA IZABEL ESCANO DUARTE DE SOUZA\*

**Resumo:** Este artigo pretende relacionar a iconografia sobre a Virgem Maria durante a Baixa Idade Média com os relatos dos Evangelhos bíblicos, dos Evangelhos apócrifos e da *Legenda Áurea*, bem como com as orações marianas mais recitadas e conhecidas no período. Entende-se que as orações e a iconografia são elementos fundamentais do culto mariano e das práticas devocionais relacionadas a ele. Tais elementos estarão reunidos no livro de horas, um livro de orações dedicado às devoções privadas de seus proprietários que surge no século XIII. Todos esses elementos evidenciam o papel fundamental que Maria exerce no cristianismo e na religiosidade medieval a partir do século XII.

**Palavras-chave:** Maria; iconografia; culto mariano.

**Abstract:** This paper shall articulate the iconography of the Virgin Mary during the Late Middle Ages, the biblical and apocryphal narrative and the Golden Legend, as well as the most recited and best-known Marian prayers of the period. We understand that prayers and iconography are essential elements of the Marian cult and of devotional practices related to it. Such elements will be gathered in the book of hours, a prayer book dedicated to the private devotions of their owners, which appears in the thirteen century. All these elements show the essential role of Mary both in the history of Christianity and in Medieval piety from the twelfth century on.

**Keywords:** Mary; iconography; cult of the Virgin

---

*Artigo recebido em 25 de agosto de 2017 e aprovado para publicação em 04 de agosto de 2017.*

\*Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade de São Paulo. E-mail: mariaizabeleds@gmail.com

## Maria nos Evangelhos

Quando, porém, chegou a plenitude do tempo, enviou Deus o seu Filho, nascido de mulher, nascido sob a Lei, para resgatar os que estavam sob a Lei, a fim de que recebêssemos a adoção filial.<sup>1</sup>

A passagem acima, retirada da carta de São Paulo aos Gálatas, é a referência mais antiga feita a Maria que aparece no Novo Testamento. Mas como sabemos que é à Virgem que a passagem se refere, já que não há nela o nome de Maria? É a simples menção à concepção do filho de Deus que nos indica que Paulo refere-se a ela. Seu papel como mãe de Cristo é o que a diferencia de todas as outras mulheres, o que a coloca em primeiro plano para os cristãos. No entanto, apesar de toda sua deferência, há poucas passagens nas Escrituras que falem sobre Maria, e nenhuma que fale dela em outro contexto que não seja este: como mãe.

No Evangelho de Marcos, há somente duas menções diretas à Virgem:

Chegaram então sua mãe e seus irmãos e, ficando do lado de fora, mandaram chamá-lo. Havia uma multidão sentada em torno dele. Disseram-lhe: “Eis que tua mãe, teus irmãos e tuas irmãs estão lá fora e te procuram”. Ele perguntou: “Quem é minha mãe e meus irmãos?” E, repassando com o olhar os que estavam sentados ao redor, disse: “Eis a minha mãe e os meus irmãos. Quem fizer a vontade de Deus, esse é meu irmão, irmã e mãe”.<sup>2</sup>

Não é este o carpinteiro, o filho de Maria, irmão de Tiago, José, Judas e Simão?<sup>3</sup>

No Evangelho de João, novamente poucas referências a Maria, e nenhuma delas pelo nome:

No terceiro dia, houve um casamento em Caná da Galileia e a mãe de Jesus estava lá. Jesus foi convidado para o casamento e os seus discípulos também. Ora, não havia mais vinho, pois o vinho do casamento havia acabado. Então a mãe de Jesus lhe disse: “Eles não têm mais vinho”. Respondeu-lhe Jesus: “Que queres de mim, mulher? Minha hora ainda não chegou.” Sua mãe disse aos serventes: “Fazei tudo o que ele vos disser.”<sup>4</sup>

Depois disso desceram a Cafarnaum, ele, sua mãe, seus irmãos e seus discípulos, e ali ficaram apenas alguns dias.<sup>5</sup>

Perto da cruz de Jesus, permaneciam de pé sua mãe, a irmã de sua mãe, Maria, mulher de Cleopas, e Maria Madalena. Jesus, então, vendo a mãe e, perto dela, o discípulo a quem amava, disse à mãe: “Mulher, eis teu filho!” Depois disse ao discípulo: “Eis tua mãe!” E a partir dessa hora, o discípulo a recebeu em sua casa.<sup>6</sup>

No Evangelho de Mateus, a primeira menção feita a Maria diz respeito à sua misteriosa gravidez e ao reconhecimento da paternidade legal de José.

A origem de Jesus Cristo foi assim: Maria, sua mãe, comprometida em casamento com José, antes que coabitasse, achou-se grávida pelo Espírito Santo. José, seu esposo, sendo justo e não querendo denunciá-la publicamente, resolveu repudiá-la

<sup>1</sup> Gl 4:4. *Bíblia de Jerusalém*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Paulus, 2002.

<sup>2</sup> Mc 3: 31-35. *Ibidem*.

<sup>3</sup> Mc 6:3. *Ibidem*.

<sup>4</sup> Jo 2: 1-5. *Ibidem*.

<sup>5</sup> Jo 2:12. *Ibidem*.

<sup>6</sup> Jo 19: 25-27. *Ibidem*.

em segredo. Enquanto assim decidia, eis que o Anjo do Senhor manifestou-se a ele em sonho, dizendo: “José, filho de Davi, não temas receber Maria, tua mulher, pois o que nela foi gerado vem do Espírito Santo. Ela dará à luz um filho e tu o chamarás com o nome de Jesus, pois ele salvará o seu povo dos seus pecados.” Tudo isso aconteceu para que se cumprisse o que o Senhor havia dito pelo profeta: Eis que a virgem conceberá e dará à luz um filho e o chamarão com o nome Emanuel, o que traduzido significa: “Deus está conosco”. José, ao despertar do sono, agiu conforme o Anjo do Senhor lhe ordenara e recebeu em casa sua mulher.<sup>7</sup>

Após tal relato, segue-se a visita dos Reis Magos (Mt 2: 1-12), quando três reis vindos do Oriente, seguindo a orientação da estrela de Belém, prestam suas homenagens ao Menino Jesus, reconhecendo-o como rei dos reis. Depois, é narrada a Fuga para o Egito (Mt 2: 13-15), quando a Sagrada Família, avisada em sonho por um anjo, decide fugir para evitar a perseguição do rei Herodes. No Evangelho também aparece o retorno da Sagrada Família e seu estabelecimento em Nazaré (Mt 2: 19-23), todas elas com a participação de Maria.

O Evangelho de Lucas é tido como a fonte principal para o estudo da história de Maria. Em seus dois primeiros capítulos são narrados os principais acontecimentos da vida da Virgem, todos eles ligados à sua função como mãe de Cristo: a Visitação (Lc 1: 39-45), quando a Virgem visita sua prima Isabel, grávida do profeta João Batista; a Natividade (Lc 2: 1-7); e a Apresentação de Jesus no Templo (Lc 2: 21-38). Este último é um antigo costume judaico que consiste em levar crianças recém-nascidas ao templo para serem apresentadas a Deus e à comunidade e, no caso dos meninos, serem circuncidados. Também era o momento de purificar a mãe.

Ainda neste Evangelho se apresenta a profecia sobre o futuro de Cristo:

Simeão abençoou-os e disse a Maria, sua mãe: “Eis que este menino foi posto para a queda e para o soerguimento de muitos em Israel, e como um sinal de contradição – e a ti, uma espada traspassará tua alma! – para que se revelem os pensamentos íntimos de muitos corações”.<sup>8</sup>

Outra passagem do mesmo Evangelho em que Maria aparece é a de Jesus entre os doutores, quando o Menino se afasta de seus pais para ficar no templo conversando com os sábios. Seus pais o procuram, aflitos, e, ao encontrarem-no, repreendem-no, ao que escutam da boca da criança a confirmação de sua paternidade divina.<sup>9</sup>

Em todas as passagens aqui destacadas Maria aparece sempre como mãe de Jesus, jamais em outro contexto, ou mesmo apartada de seu filho. De todas elas, a fundamental para que se entenda a sua função dentro da história do cristianismo é a Anunciação, narrada no

---

<sup>7</sup> Mt 1: 18-24. *Ibidem.*

<sup>8</sup> Lc 2: 34-35. *Ibidem.*

<sup>9</sup> Lc 2: 41-50. *Ibidem.*

Evangelho de Lucas. Essa passagem é a fonte principal para que se entenda o papel de Maria como mãe de Cristo e sua função na história da Salvação.

No sexto mês, o anjo Gabriel foi enviado por Deus a uma cidade da Galileia, chamada Nazaré, a uma virgem desposada com um varão chamado José, da casa de Davi; e o nome da virgem era Maria. Entrando onde ela estava, disse-lhe: “Alegra-te, cheia de graça, o Senhor está contigo!” Ela ficou intrigada com essa palavra e pôs-se a pensar qual seria o significado da saudação. O Anjo, porém, acrescentou: “Não temas, Maria! Encontraste graça junto de Deus. Eis que conceberás no teu seio e darás à luz um filho, e o chamarás com o nome de Jesus. Ele será grande, será chamado Filho do Altíssimo, e o Senhor Deus lhe dará o trono de Davi, seu pai; ele reinará na casa de Jacó para sempre, e o seu reinado não terá fim.” Maria, porém, disse ao Anjo: “Como é que vai ser isso, se eu não conheço homem algum?” O Anjo lhe respondeu: “O Espírito Santo virá sobre ti e o poder do Altíssimo vai te cobrir com a sua sombra; por isso o Santo que nascer será chamado Filho de Deus. Também Isabel, tua parenta, concebeu um filho na velhice, e este é o sexto mês para aquela que chamavam de estéril. Para Deus, com efeito, nada é impossível.” Disse, então, Maria: “Eu sou a serva do Senhor; faça-se em mim segundo a tua palavra!” E o Anjo a deixou.<sup>10</sup>

A própria saudação do Anjo – “Alegra-te, cheia de graça, o Senhor está contigo!” – demonstra que Maria não somente receberia a graça divina, mas que já a possuía em sua plenitude. Tal saudação refere-se assim à iniciativa primeira de Deus ao selecionar Maria como aquela que se tornaria a mãe de Jesus, designada como sua escolhida, aquela através de quem o plano de Deus para a salvação do mundo seria posto em prática. Também sua resposta à mensagem do Anjo – “Eu sou a serva do Senhor; faça-se em mim segundo a tua palavra!” – a transforma em um modelo de fé para a humanidade, ao reafirmar sua obediência à palavra do Senhor.

Esta obediência é sublinhada como a atitude que viabiliza a redenção, colocando em contraste a desobediência de outra mulher, Eva, que acabou levando a humanidade à Queda. Foi o bispo Irineu de Lyon (130-200) o responsável por traçar esse paralelo e associar, assim, Maria a uma segunda Eva:

E como foi através de uma virgem que desobedeceu (nomeadamente Eva) que a humanidade foi atingida, caiu e morreu, foi também através da Virgem (Maria), que obedeceu a palavra de Deus, que a humanidade, ressuscitada pela vida, recebeu a vida. [...] E Eva (tinha necessariamente de ser restaurada) em Maria, e que uma virgem, tornando-se a defensora de uma virgem, deveria desfazer e destruir desobediência virginal pela obediência virginal.<sup>11</sup>

Há aqui um contraste entre a desobediência calamitosa de alguém que não era mais do que humana, Eva, e a obediência de alguém que também não era mais do que humana, Maria como a segunda Eva. Era essencial que as atitudes das duas mulheres fossem percebidas como atos de vontade própria, e não como consequência de uma coerção. O livre-arbítrio de

<sup>10</sup> Lc 1: 26-38. *Ibidem*.

<sup>11</sup> IRINEU DE LYON apud PELIKAN, J. *Mary Through the Centuries*. Her place in the History of Culture. New Haven: Yale University Press, 1996, p. 43.

Maria aliado à obediência voluntária aos desígnios divinos foi o que possibilitou o cumprimento das promessas divinas.

A lógica do argumento era clara: a salvação dependia da real e total humanidade de Cristo durante sua vida e em sua morte, assim como sua humanidade dependia de ele ter tido uma mãe que também fosse total e completamente humana. E foi por intermédio da voluntária e virginal obediência de Maria que a voluntária e virginal desobediência de Eva foi desfeita. Maria transforma-se, assim, tanto na segunda Eva quanto na principal garantia da humanidade de Cristo.<sup>12</sup>

Sua importância foi confirmada pelos padres da Igreja durante o Concílio de Éfeso (431), quando lhe foi instituído o título de *Theotokos*, “aquela que deu à luz àquele que é Deus”<sup>13</sup>, reconhecendo que ela não fora apenas a mãe de Jesus enquanto homem. O título deriva da saudação entre Maria e Isabel, quando a jovem visita sua prima, também grávida, e esta a saúda como “a mãe do meu Senhor”<sup>14</sup>. De fato, Maria não possuía uma natureza divina como Cristo, era completamente humana. No entanto, por ter sido escolhida por Deus para ser a *Theotokos*, sua natureza humana se transfigurou, e de alguma forma ela passou a ser uma participante da natureza divina.<sup>15</sup>

Isso confere a Maria a posição de *Mediatrix*, o que aponta para uma dupla função: ela é o caminho através do qual o Salvador chegou à humanidade, e a mulher por meio de quem os fiéis elevam-se a Ele, por quem se tem acesso a Ele, enfatizando seu papel ativo na Encarnação. Ela é, assim, a intercessora inabalável entre Cristo e a humanidade.<sup>16</sup>

Ela representa também a ligação inquebrável entre a história cristã e a judaica, entre a Primeira Aliança, da qual ela nasceu, e a Segunda Aliança, a quem ela deu à luz.<sup>17</sup> A partir dela, estava garantida a continuidade da linhagem real de Davi, transmitida a Jesus.

Maria foi moldada como modelo de virgindade e castidade não só por sua virgindade antes da gravidez, mas principalmente pela permanência de sua virtude durante e após o parto. Um dos principais defensores dessa doutrina foi São Jerônimo (347-420). Segundo ele, a Virgem não teve outros filhos após Jesus e as referências feitas pelos evangelistas aos irmãos de Jesus relacionam-se na verdade aos outros filhos de São José, antes de suas bodas com Maria, e aos filhos da irmã de Maria, também chamada Maria. Esses argumentos formaram a

---

<sup>12</sup> *Ibidem*, p. 50.

<sup>13</sup> *Ibidem*, p. 55.

<sup>14</sup> Lc 1: 43. *Bíblia de Jerusalém*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Paulus, 2002.

<sup>15</sup> PELIKAN, J. *Op. cit.*, p. 107.

<sup>16</sup> *Ibidem*, p. 131.

<sup>17</sup> *Ibidem*, p. 25.

base para que se declarasse a perpétua virgindade de Maria, ou seja, sua virgindade na concepção, *in partu* e *post partum* como dogma da Igreja em 649, no Quarto Concílio de Latrão.<sup>18</sup>

Deve-se notar que existe um descompasso entre a importância e as informações dadas sobre Maria nos Evangelhos e aquelas elaboradas pela exegese bíblica medieval, que atribuiu à mãe de Cristo um papel fundamental. Para os teólogos e pensadores da Igreja medieval, Maria se torna a segunda pessoa em importância no cristianismo, somente atrás do próprio Cristo, apesar das poucas menções feitas a ela na Bíblia. É exatamente por causa de sua posição especial que a simples reverência (*dulia*) prestada aos santos não seria suficiente para honrá-la devidamente, embora não seja também adequado que ela seja alvo de adoração (*latria*), já que esta é reservada somente a Deus. Assim, Maria deveria ser alvo de uma *hiperdulia*, ou seja, um culto maior do que aquele reservado aos santos, porém menor do que ao direcionado a Deus.<sup>19</sup>

Segunda Eva, *Theotokos*, *Mediatrix*, *Aeiparthenos*<sup>20</sup>. Todos estes títulos foram elaborados a partir desses pequenos trechos das Escrituras que se referem a Maria, por conta de sua maternidade divina. Sua virgindade antes, durante e depois da concepção, sua pureza, sua castidade, sua obediência, seu parto sobrenatural, sua resignação e fé durante o Ministério de Cristo e sua dor na hora da morte de seu filho.

Mas, além de ser mãe de Cristo, quem foi Maria? Qual a sua idade quando Jesus nasceu, sua aparência, sua origem, seu destino após a morte de seu filho? Essas perguntas não conhecem resposta nos Evangelhos ou em qualquer outro livro bíblico. E foi exatamente por conta dessa pequena importância atribuída à Maria e da carência de informações sobre ela que uma série de textos considerados não oficiais ganharam vulto e popularidade a partir do século XIII: os Evangelhos apócrifos.

### **Maria nos Evangelhos Apócrifos e na *Legenda Áurea***

Há três textos principais dentro da tradição cristã que podem ser considerados fontes para o estudo mais aprofundado sobre a Virgem. São eles o Protoevangelho de São Tiago e o Evangelho do Pseudo-Mateus, textos apócrifos escritos durante os primeiros séculos do

---

<sup>18</sup> WARNER, M. *Alone of All Her Sex: the Myth and Cult of the Virgin Mary*. New York: Vintage Books, 1983, p. 66.

<sup>19</sup> PELIKAN, J. *Op. cit.*, p. 102.

<sup>20</sup> Título em grego que se refere à perpétua virgindade de Maria, algo como “Sempre Virgem Maria”.

cristianismo; e a *Legenda Áurea*, espécie de compêndio de hagiografias escrito no século XIII.

Nenhum dos dois Evangelhos foi incorporado ao cânone, entre outras razões, por terem sido comprovadamente escritos a partir do século II, o que implicava em consequentes problemas de datação e de autoria, e por apresentarem uma construção literária completamente distinta daquela apresentada pelos textos considerados oficiais. Esses escritos fazem parte do que se denomina atualmente de Evangelhos da Natividade e da Infância, e em nenhum momento obtiveram apoio em prol de sua canonicidade.

O Protoevangelho de São Tiago narra acontecimentos anteriores aos dos Evangelhos canônicos. Com relação à autoria desse apócrifo, devemos salientar que não existe um consenso nem sobre o assunto, tampouco sobre quem seria de fato Tiago Menor. Segundo a tradição católica, teria sido ele um dos doze apóstolos, filho de Alfeu e irmão de Judas Tadeu; juntamente com Tiago Maior, que seria filho de Zebedeu e irmão do evangelista João. Entretanto, as próprias Escrituras apontam para a existência de um terceiro Tiago – este, de fato, o detentor do epíteto de “menor” –, que seria o suposto irmão de Jesus, ou seja, um dos filhos das primeiras bodas de São José. Tiago, o Menor, foi o primeiro bispo da comunidade de Jerusalém e membro atuante no meio judaico-cristão das primeiras décadas do cristianismo.

Em relação à datação do texto, Urbano Zilles considera que “as duas primeiras partes foram escritas antes do fim do século II. A terceira parte, que parece ser um acréscimo posterior, foi escrita no fim do século IV”.<sup>21</sup> Apesar disso, admite-se que, já no decorrer do século II, existia um Livro de Tiago.

Já para o Evangelho do Pseudo-Mateus, novamente não é possível determinar precisamente a autoria do texto, nem sua datação, embora se acredite que seja posterior ao texto de Tiago, mais ou menos do século VIII.

Esses dois evangelhos formam a base para a escrita da *Legenda Áurea*, uma coletânea hagiográfica de valor moral e pedagógico escrita pelo mendicante Jacopo de Varazze em meados do século XIII. Contém uma série de relatos sobre as vidas dos santos, da Virgem e do Cristo que foram compilados e publicados, gozando de grande aceitação e popularidade durante a Idade Média, servindo como base para muitas pregações e ensinamentos.

---

<sup>21</sup> ZILLES, U. *Evangelhos Apócrifos*. Porto Alegre: EdiPuc-RS, 2004, p. 24.



O conteúdo desses três textos – Protoevangelho de Tiago, Evangelho do Pseudo-Mateus e *Legenda Áurea* – formam o conjunto fundamental de escritos extra bíblicos que nos fornecem mais informações sobre a Virgem Maria. No Protoevangelho estão contidas informações sobre os pais da Virgem, bem como sobre sua Concepção (Cap. IV).

Outras passagens do Protoevangelho de Tiago narram a Apresentação da Virgem no Templo (Cap. VII), momento em que Maria, ainda menina, é levada para viver no templo entre outras virgens, de acordo com o que havia sido definido, segundo o anúncio do Anjo do Senhor. Segue-se a narrativa da escolha de José como seu esposo, por ter feito, através de um sinal do Senhor e apesar da idade avançada, florescer o bastão do homem (Cap. IX), e outros relatos contidos nos Evangelhos canônicos (Anunciação, Visitação, Natividade, Epifania e Massacre dos Inocentes).

Já no Evangelho de Pseudo-Mateus estão novamente a Concepção de Maria (Cap. III), seu nascimento e apresentação no Templo (Cap. IV), seu casamento com José (Cap. VIII), além da Anunciação (Cap. IX), Natividade (Cap. XIII), Anúncio aos pastores (Cap. XIII), Circuncisão de Cristo (Cap. XV), Adoração dos Magos (Cap. XVI), Fuga para o Egito e Massacre dos Inocentes (Cap. XVII).

A *Legenda Áurea* traz o relato da Natividade, da Circuncisão, da Epifania, da Purificação da Virgem, da Anunciação, da Crucificação, da Assunção e da Natividade da Virgem.

A Dormição e a Assunção da Virgem só foram proclamadas como dogma pela Igreja em 1950, pela bula do Papa Pio XII, apesar de já serem celebradas como festa litúrgica da Igreja desde o século VII (15 de agosto). Segundo o dogma, acredita-se que a Virgem, após a sua morte, teria ascendido aos céus em corpo e alma. Sua assunção a elevou em glória e méritos em relação a todos os anjos, arcanjos, santos e mártires, e representou a sua glorificação.<sup>22</sup>

Foi por meio dos relatos apócrifos, portanto, que os fiéis passaram a conhecer melhor a vida da Virgem antes, durante e após sua missão como mãe do Salvador. Sua origem, sua infância, sua vida consagrada e casta, seu destino após a Crucificação de seu filho, sua recompensa nos céus. Todos esses momentos estão narrados nessas passagens. Tais temas já eram conhecidos nos mosteiros da Europa desde o primeiro milênio.

---

<sup>22</sup> PELIKAN, J. *Op. cit.*, p. 126.



Quando o culto mariano se desenvolve sob novas luzes, em meados do século XIII, essas narrativas se tornam cada vez mais acessíveis em língua vernácula. Há cópias do Evangelho da Infância em francês e em italiano, bem como da *Legenda Áurea*, que datam de meados do século supracitado.<sup>23</sup> Esses relatos levam informações sobre a vida de Maria enquanto criança, esposa, mãe e mulher a uma audiência maior e em maior detalhe, servindo de base para o aparecimento de uma cultura mariana de festas, orações e imagens.

### Orações e cânticos marianos

A devoção à Virgem Maria se deu, sobretudo, através da diversidade de hinos, cânticos, ladainhas e preces em sua homenagem, proferidos e compostos por clérigos, religiosos e leigos ao longo dos séculos. Uma das facetas da expansão desse culto e da valorização de seu papel intercessório na experiência divina pode ser associada à criação do Ofício da Virgem Maria, ainda no século IX, por Bento de Aniane (c. 750-821). Ele foi incluído no Ofício Divino dos clérigos como parte dos antifonários<sup>24</sup>, tornando-se leitura obrigatória, e se constitui de uma série de orações, salmos e cantos em homenagem à Maria abordando seu papel na Encarnação e rogando humildemente por sua intercessão divina.

A oração mais conhecida e mais recitada à Virgem, a Ave-Maria, foi formulada durante o século VII, juntando duas passagens usadas por personagens bíblicos para se referir a Maria: a saudação do anjo Gabriel “Ave, Maria, cheia de graça! O senhor é contigo!” e a saudação de sua prima Isabel quando Maria a visita durante a gravidez: “Bem-aventurada sois vós entre as mulheres, e abençoado é o fruto do vosso ventre.” A terceira e última parte da oração “Santa Maria, mãe de Deus, rogue por nós, pecadores, agora e na hora de nossa morte” é atribuída a Bernardo de Claraval (1090-1153), mas só foi reconhecida como oficial no Concílio de Trento (1545-1563), de modo que, durante a Idade Média, a oração da Ave-Maria era assim recitada: “Ave-Maria, cheia de graça/O Senhor é convosco/Bendita sois vós entre as mulheres /E bendito é o fruto do vosso ventre, Jesus. Amém.”

Embora tenha começado a se popularizar por volta do ano 600, esta oração só se tornou realmente popular quando o seu recital foi ordenado, no ano de 1050, aos sábados pelos clérigos regulares e seculares, com o intuito de que rezassem pelos primeiros cruzados.

---

<sup>23</sup> RUBIN, M. *Mother of God – a History of the Virgin Mary*. New Haven & London: Yale University Press, 2009, p. 202.

<sup>24</sup> Livro que contém as partes cantadas do Ofício Divino. Seu grande formato permite que seja utilizado por corais nas celebrações religiosas. BROWN, M. *Understanding Illuminated Manuscripts: a guide to technical terms*. Los Angeles: The J. Paul Getty Museum, 1994, p. 11.

Ela era recitada no início de cada hora canônica<sup>25</sup> do Ofício da Virgem, logo após as palavras iniciais. Já nos séculos XV e XVI, junto com o Pai Nosso e o Credo de Nicéia, a Ave-Maria era uma das três orações que se esperava que todos tivessem memorizado.

A oração da Salve Rainha é atribuída ao monge alemão Hermano Contracto, que a teria escrito por volta do ano de 1050. Diz-se que em determinada ocasião, na Catedral de Espira, após a conclusão do canto da Salve Rainha, cujas últimas palavras eram “mostrai-nos Jesus, o bendito fruto do vosso ventre”, Bernardo de Claraval completou sozinho no meio da catedral: “Ó clemente, ó piedosa, ó doce e sempre Virgem Maria.” A partir dessa data, estas palavras foram incorporadas à Salve Rainha original<sup>26</sup>:

Salve Rainha, Mãe de Misericórdia/Vida, doçura e esperança nossa, salve!/A Vós  
bradamos os degredados filhos de Eva./A Vós suspiramos, gemendo e chorando  
neste vale de lágrimas./ Eia, pois, advogada nossa,/ Esses Vossos olhos  
misericordiosos/ A nós volvei./ E, depois desse desterro,/ Mostrai-nos Jesus, bendito  
fruto do Vosso Ventre./ Ó Clemente, Ó Piedosa, Ó Doce Virgem Maria.<sup>27</sup>

De maneira geral, os versos da oração mesclam sofrimento e esperança. Sua proliferação entre os fiéis se deu rapidamente e logo passou a ser entoada em diversos locais. No século XIII, dominicanos e franciscanos introduziram-na em seus ofícios e contribuíram para a sua propagação.

Outras duas orações, *Ave Regina Caelorum* (Salve, Rainha do Céu) e *Regina Caeli* (Rainha dos Céus), trazem semelhanças com a oração Salve Rainha: as duas concedem o título de rainha à Maria:

Salve, Rainha do Céu/ Salve, Soberana dos anjos/ Salve, raiz; Salve, porta/ Pela qual  
a luz nasceu para o mundo/ Rejubila, virgem gloriosa/ Linda sobre todas/ Salve, ó  
muito adornada/ E reze por nós a Cristo.<sup>28</sup>  
Rainha do Céu, alegrai-vos! Aleluia!/ Porque quem merecestes trazer em vosso seio.  
Aleluia!/ Ressuscitou como disse! Aleluia!/ Rogai a Deus por nós! Aleluia!<sup>29</sup>

Apesar das datas de composição incertas, essas antífonas eram tradicionalmente cantadas após cada hora canônica, principalmente nas *Completas* do Ofício Divino,

<sup>25</sup> Essas horas eram observadas com maior regularidade nos meios monásticos, embora entre os fiéis fossem observados dois tempos de oração: pela manhã e à tarde. Assim foi formado o ofício divino: as matinas, recitadas aproximadamente às 2h30, são o ofício mais importante, no qual, além de salmos e hinos, as leituras são retiradas da Bíblia e alternadas por versos (respostas); as laudes (às 5h) e as vésperas (16h30) se constituem de salmos, hinos e curtas leituras (capítulos); as primas (6h), as tercias (9h), as sextas (12h), as nonas (15h) e as completas (recitadas às 18h) são mais curtas. MARTIMORT, A. “A liturgia e o tempo”. In: \_\_\_\_\_. *A Igreja em oração: introdução à liturgia*. Petrópolis: Vozes, 1992, pp. 163-4.

<sup>26</sup> CORREA, F. *Arte e devoção*. A maternidade da Virgem Maria no acervo da Fundação Eva Klabin. Séculos XV e XVI. 2014. 166 f. Dissertação de Mestrado (Mestrado em História Social). Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, p. 43.

<sup>27</sup> *Ibidem*.

<sup>28</sup> *Ibidem*, p. 44.

<sup>29</sup> *Ibidem*.

terminando assim os ofícios do dia. É no século XII que encontramos pela primeira vez a antífona *Regina Caelorum* em um manuscrito. Estas três orações, *Salve Regina*, *Regina Caelorum* e *Regina Caeli*, se ligam diretamente à iconografia da Coroação da Virgem, na qual Maria aparece sendo coroada pela Trindade, transformando-se em rainha dos céus.

Dois cânticos que aparecem no Ofício da Virgem são o *Magnificat* e o *Ave Maris Stella*, os dois na hora de vésperas. O *Magnificat* é também conhecido como Canção de Maria, tido originalmente como seu único discurso na Bíblia, uma resposta ao cumprimento de sua prima, Isabel:

Minha alma engrandece o Senhor/ e meu espírito exulta em Deus, meu Salvador,/ porque olhou para a humilhação de sua serva./ Sim! Doravante as gerações todas/ me chamarão de bem-aventurada,/ pois o Todo-poderoso fez grandes coisas/ em meu favor./ Seu nome é santo/ e sua misericórdia perdura de geração em geração,/ para aqueles que o temem./ Agiu com a força de seu braço,/ dispersou os homens de coração orgulhoso./ Depôs poderosos de seus tronos,/ e a humildes exaltou./ Cumulou de bens a famintos/ e despediu ricos de mãos vazias./ Socorreu Israel, seu servo,/ lembrado de sua misericórdia/ – conforme prometera a nossos pais – /em favor de Abraão e de sua descendência, para sempre!<sup>30</sup>

O cântico ecoa em diversas passagens do Antigo Testamento, porém a alusão mais notável é feita à Canção de Ana, dos Livros de Samuel. No cristianismo ocidental, o *Magnificat* é recitado com mais frequência dentro da Liturgia das Horas e cantado durante o principal serviço vespertino. Nele, Maria louva a Deus pela sua sabedoria e misericórdia, colocando-se também como fruto de seus desígnios, reafirmando seu papel como “bem-aventurada”.

Já o cântico *Ave Maris Stella* (Ave Estrela do Mar) é atribuído a Bernardo de Claraval, que no século IX já havia conferido o título de estrela do mar à Maria:

Ave estrela do mar/ de Deus mãe bela,/ sempre Virgem,/ da morada celeste feliz entrada/ Ó tu que ouviste da boca/ do anjo a saudação,/ dá-nos paz e quietação/ e o nome de Eva troca/ As prisões aos réus desata/ E a nós cegos alumia./ De tudo que nos maltrata/ Nos livra, o bem nos granjeia/ Ostenta que és Mãe fazendo/ Que os rogos do povo seu/ Ouça aquele que, nascendo/ Por nós quis ser filho teu/ Ó Virgem especiosa/ Toda cheia de ternura/ Extintos nossos pecados/ Dá-nos pureza e brandura/ Dá-nos uma vida pura/ Põe-nos em via segura/ Para que a Jesus gozemos/ E sempre nos alegremos/ A Deus Pai veneremos/ A Jesus Cristo também./ E ao Espírito Santo demos/ Aos três um louvor. Amém.<sup>31</sup>

As orações *O Intemerata* e *Obsecro te* se endereçam diretamente à Virgem e pedem seu auxílio como intercessora diante de Deus em favor do pecador.

<sup>30</sup> Lc 1: 46-55. *Bíblia de Jerusalém*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Paulus, 2002.

<sup>31</sup> CORREA, F. *Op. Cit.*, pp. 26-7.

Na oração *Obsecro te* (Eu te suplico), o fiel invoca a Virgem de maneira direta, em primeira pessoa. Seu grande tema são as alegrias da Virgem como mãe do Cristo e seu papel como corredentora da humanidade:

Eu te suplico, Maria, sagrada Senhora, mãe de Deus, repleta de piedade, filha do grande rei, a mais gloriosa mãe, mãe dos órfãos, consolação dos desolados, o caminho para aqueles que vagueiam, salvação para aqueles que confiam em vós, virgem antes de dar à luz, virgem enquanto dá à luz, virgem depois de dar à luz, fonte de compaixão, fonte de salvação e graça, fonte de piedade e alegria, fonte de consolação e bondade, através dessa sacralidade, indescritível o contentamento pelo qual vosso espírito se preencheu na hora em que o Filho de Deus foi anunciado a vós pelo arcanjo Gabriel e assim concebido, e através desse mistério divino que foi então trabalhado pelo Espírito Santo; e através de uma inexprimível consagrada piedade, graça, misericórdia, amor, e humildade pelas quais vosso Filho desceu para aceitar a carne humana no vosso mais venerável útero, e o que Ele viu em vós quando vos elogiou para São João o Apóstolo e Evangelista, e quando Ele vos exaltou para além dos anjos e arcanjos; e através dessa sagrada e inestimável humildade que vós respondestes para o arcanjo Gabriel, “Eis aqui a serva do Senhor, faça-se em mim segundo a Tua palavra”; e através desses quinze santíssimos contentamentos que vós tivestes em seu Filho, Seu Senhor Jesus Cristo; e através dessa sacralidade, enorme compaixão e daquela mais amarga tristeza em vosso coração que vós sentistes quando vistes seu Filho, Seu Senhor Jesus Cristo, nu e levantado na cruz, pendurado, crucificado, ferido, sedento porém só lhe fora servido fel e vinagre, e vós O ouvistes clamar “Eli”, e vós O vistes morrendo; e através das cinco feridas de vosso Filho e da ruína da carne Dele pela enorme dor causada por esses ferimentos; e através do sofrimento que vós tivestes quando O viste ferido; e o jorrar do sangue e através de todo o sofrimento Dele; e através de toda a tristeza de seu coração e das fontes de suas lágrimas; junto com todos os santos e eleitos de Deus. Venha e apresse minha ajuda e conselho, em todas as minhas orações e pedidos, em todas as minhas dificuldades e necessidades, e em todas as coisas que eu farei, que eu direi, que eu pensarei, todos os dias, noites, horas e momentos da minha vida. E proteja a mim, seu servo, a partir de seu estimado Filho e de toda a misericórdia e consolação, todos os apoios e conselhos, toda a ajuda, bênçãos e santificações, toda a salvação, paz e prosperidade, todo o contentamento e felicidade, e uma abundância de todas as coisas boas para o espírito e o corpo, toda a graça do Espírito Santo para que Ele possa conferir a mim tudo que há de bom, guarde a minha alma, reine e proteja meu corpo, eleve minha mente, direcione meu curso, preserve meus sentidos, controle meus caminhos, aprove minhas ações, realize meus desejos e minhas vontades, introduza pensamentos santos, perdoe as maldades que fiz no passado, corrija todas as do presente, e controle as do futuro, me conceda uma honesta e honrosa vida, e me permita ser vitorioso em todas as adversidades desse mundo, e traga uma verdadeira paz para o meu espírito e corpo, boa esperança, caridade, e fé, castidade, humildade, e paciência, reine e proteja meus cinco sentidos, faça-me cumprir os sete trabalhos da misericórdia, faça-me acreditar firmemente e sustentar os doze artigos da fé e os Dez Mandamentos da lei, e me mantenha livre dos sete pecados e me defenda até o meu fim. E no fim da minha vida me mostre vosso rosto, revele-se para mim no dia e na hora de minha morte. Escuta e ouça-me, Maria, doce virgem, Mãe de Deus e da misericórdia. Amém.<sup>32</sup>

<sup>32</sup> Versão original em inglês retirada e traduzida de WIECK, R. *Time Sanctified. The Book of Hours in Medieval Art and Life*. New York: George Braziller Inc, 2001, p. 163. Tradução nossa.

Há duas partes bastante distintas nesta oração: na primeira parte, o fiel relembra os eventos mais importantes da vida de Maria e a louva por isso, exaltando seu papel na concepção de Cristo, sua virgindade perpétua e seus sofrimentos. Já na segunda parte, há uma invocação para que a Virgem esteja sempre presente em sua vida e rogue por ele na hora da morte, enfatizando mais uma vez seu papel na Redenção.

Já na oração *O Intemerata* (Ó Imaculada) o fiel relembra das grandes dores de Maria, e pede sua intercessão, juntamente com João Evangelista:

Ó Imaculada, e para sempre abençoada, singular e incomparável Maria Mãe de Deus, templo mais grato de Deus, sacristia do Espírito Santo, portão do reino dos céus, através de quem próximo a Deus o mundo inteiro vive, incline, ó Mãe da Misericórdia, os ouvidos de tua pena às minhas súplicas indignas, e tenha pena de mim, pecador mais miserável, e sê-me uma ajudante misericordiosa em todas as coisas. Ó bem-aventurado João, familiar e amigo de Cristo, que do mesmo Senhor Jesus Cristo foi escolhido virgem, e dentre todos mais amado, acima de tudo instruído nos mistérios celestes, porque foste feito um apóstolo mais digno e Evangelista: Invoco-te também, com Maria mãe do mesmo Senhor Jesus Cristo, nosso Salvador, dignai-me a obter tua ajuda juntamente com a dela. Ó duas jóias celestes, Maria e João. Ó duas luzes divinas brilhando diante de Deus. Afugente com seus raios brilhantes as nuvens de minhas ofensas. Pois vocês são aqueles dois em quem o Filho unigênito de Deus, pelo mérito da mais sincera virgindade, pendurado na cruz confirmou o privilégio do seu amor, dizendo a cada um de vocês: “Mulher, eis aí o teu filho”; e, em seguida, até o outro: “Eis aí tua mãe”. Na doçura, portanto, do seu amor mais sagrado, através do qual pela própria boca de nosso Senhor, como mãe e filho que vocês se tornaram um, eu um pecador mais miserável dedico este dia a vocês, bem como meu corpo e alma, em todas as horas e momentos, interiormente e exteriormente, vocês se dignem a sê-me guardiões firmes, e diante de Deus intercessores devotos: peçam encarecidamente por mim, eu suplico, a saúde do corpo e da alma. Rogo-vos adquirir por suas orações gloriosas, que o espírito puro, o melhor doador de graças, possa dignar-me a visitar meu coração e nele habitar, e limpar-me completamente de toda sujeira do vício, iluminar e enfeitar-me com virtudes sagradas: causa-me perfeitamente de pé, e perseverar no amor de Deus e meu vizinho, e após o curso desta vida o mais benigno descanso possa me trazer as alegrias de seus eleitos, que com Deus, o Pai, e o Filho, vive e reina no mundo sem fim. Amém.<sup>33</sup>

É interessante notar que esta oração enfatiza o papel de mediadora que Maria exerce para os fiéis, ao chamá-la de “portão do reino dos céus, através de quem próximo a Deus o mundo inteiro vive”, pedindo mais uma vez sua intercessão e proteção.

O hino *Stabat Mater* é baseado na profecia de Simeão sobre a espada que transpassaria o coração de Maria por conta de seu filho.<sup>34</sup> Ele é atribuído a Jacopone da Todi (1230-1360),

<sup>33</sup> Versão original em inglês retirada de < <http://www.medievalist.net/hourstxt/prayers.htm> > (Acesso em 10 de março de 2015). Tradução nossa.

<sup>34</sup> Lc 2:35. *Bíblia de Jerusalém*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Paulus, 2002.

que o teria composto no século XIII, durante o impulso dado pelos franciscanos à devoção ao Cristo crucificado<sup>35</sup>.

De pé, a mãe dolorosa/ junto da cruz, lacrimosa/ via o filho que pendia./ Na sua alma agoniada/ enterrou-se a dura espada de uma antiga profecia/ Oh! Quão triste e quão aflita/ entre todas, Mãe bendita,/ que só tinha aquele Filho./ Quanta angústia não sentia,/ Mãe piedosa quando via/ as penas do Filho seu!/ Quem não chora vendo isso:/ contemplando a Mãe de Cristo/ num suplício tão enorme?/ Quem haverá que resista/ se a Mãe assim se contrista/ padecendo com seu Filho?/ Por culpa de sua gente/ Vira Jesus inocente/ Ao flagelo submetido:/ Vê agora o seu amado/ pelo Pai abandonado,/ entregando seu espírito./ Faze, ó Mãe, fonte de amor/ que eu sinta o espinho da dor/ para contigo chorar:/ Faze arder meu coração/ do Cristo Deus na paixão/ para que o possa agradar./ Ó Santa Mãe, dá-me isto,/ trazer as chagas de Cristo/ gravadas no coração:/ Do teu filho que por mim/ entrega-se à morte assim,/ divide as penas comigo./ Oh! Dá-me enquanto viver/ com Cristo compadecer/ chorando sempre contigo./ Junto à cruz eu quero estar/ quero o meu pranto juntar/ Às lágrimas que derramas./ Virgem, que às virgens aclara,/ não sejas comigo avara/ dá-me contigo chorar./ Traga em mim do Cristo a morte,/ da Paixão seja consorte,/ suas chagas celebrando./ Por elas seja eu rasgado,/ pela cruz inebriado,/ pelo sangue de teu Filho!/ No Julgamento consegue/ que às chamas não seja entregue/ quem por ti é defendido./ Quando do mundo eu partir/ dai-me, ó Cristo, conseguir,/ por vossa Mãe a vitória./ Quando meu corpo morrer/ possa a alma merecer/ do Reino Celeste, a glória. Amém.<sup>36</sup>

Tais cânticos e orações trazem inúmeros elementos que se ligam aos textos apócrifos e bíblicos discutidos na seção anterior: o cântico *Magnificat* e a Ave-Maria contêm excertos retirados diretamente da Bíblia; já a oração Salve Regina celebra o título de rainha dado à Virgem a partir das interpretações desses textos. Ainda, as orações relembram e louvam diversos momentos de sua vida, como é o caso do hino *Stabat Mater*. Elas denotam as diversas facetas que a devoção mariana assumiu durante os séculos: Mãe dolorosa, Rainha, Virgem, intercessora, bem-aventurada. Assim, como parte do culto mariano e das práticas devocionais relacionadas a ele, as orações também se ligam à iconografia, que muitas vezes traz elementos diretamente delas retirados, como é o caso da iconografia da Coroação da Virgem.

## O culto mariano e a iconografia

Segundo Daniel Russo, podemos distinguir três momentos diferentes no que se refere ao desenvolvimento do culto mariano na Cristandade Ocidental: o primeiro, de afirmação de Maria como rainha dos céus (séculos V-VI); o segundo, em que a figura de Maria estava vinculada à corte otoniana e carolíngia; e um momento gregoriano, que se prolonga do século

<sup>35</sup> <<http://www.preces-latinae.org/thesaurus/BVM/SMDolorosa.html>> (Acesso em 16 de março de 2015).

<sup>36</sup> Tradução retirada de <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Stabat\\_Mater](http://pt.wikipedia.org/wiki/Stabat_Mater)> (Acesso em 16 de março de 2015).



XI até o século XIII.<sup>37</sup> Nesses três momentos, o culto mariano, bem como o papel e o significado da Virgem dentro da Cristandade foram debatidos e modificados, o que repercutiria tanto nos escritos quanto nas práticas devocionais e na iconografia.

Para o autor, durante os anos iniciais do cristianismo, a Virgem Maria não poderia ser o suporte de uma iconografia autônoma, pois o seu valor era exclusivamente relacionado à maternidade de Jesus Cristo. Sendo assim, durante os séculos II e III a iconografia mariana segue à risca os escritos evangélicos, e sua representação se restringe às imagens de maternidade.<sup>38</sup> Assim, as primeiras representações de Maria trazem-na sempre junto com o Menino, reforçando seu papel como *Theotokos*. O exemplo mais antigo que temos de uma representação mariana é a Virgem com o Menino das Catacumbas de Priscila, datada do século I (**Imagem 1**).

A partir do século V até o século VIII, a Cristandade está imersa em discussões político-religiosas que dizem respeito à própria formação e institucionalização do Cristianismo. Nesse momento, Maria como *Theotokos*, ou seja, como mãe do Cristo, representa a imagem viva da fé católica e o suporte vigilante da ortodoxia definida pelos concílios ecumênicos.<sup>39</sup> Às suas imagens como mãe deveria ser adicionado um ar de soberania, contendo o paradoxo entre o humano e o divino.

Foi também durante esse período inicial de consolidação do Cristianismo que as quatro principais festas marianas foram oficializadas. No século V foi instituída a festa da Anunciação (25 de março); no século VII são estabelecidas a Assunção (15 de agosto), a Natividade da Virgem (8 de setembro) e a Purificação (2 de fevereiro)<sup>40</sup>, esta última relacionada à Apresentação de Jesus no Templo. Tais festas ligam-se diretamente à afirmação dos dogmas da Igreja, em um momento em que questões cruciais, como a natureza de Cristo e sua concepção, estavam sendo discutidas, questionadas e precisavam ser resolvidas pelos Concílios.

Segundo Gertrud Schiller, a aparição de temas pictóricos está geralmente conectada à introdução de uma festa litúrgica, enquanto a ênfase dada a esses temas depende da interpretação teológica do momento.<sup>41</sup> Foi, portanto, na esteira da definição das festas

---

<sup>37</sup> IOGNA-PRAT, D.; PALAZZO, E.; RUSSO, D. *Marie: le culte de la vierge dans la société médiévale*. Paris: Beauchesne, 1996, p. 175.

<sup>38</sup> Ibidem, pp. 177 e 178.

<sup>39</sup> IOGNA-PRAT, D.; PALAZZO, E.; RUSSO, D. *Op. cit.*, p. 194.

<sup>40</sup> WARNER, M. *Op. cit.*, p. 66.

<sup>41</sup> SCHILLER, G. *Iconography of Christian Art*. Volume I. Great Britain: New York Graphic Society Ltd, 1971, p. 26.



litúrgicas e dogmas marianos que surgiram alguns dos temas pictóricos mais importantes ligados à infância do Cristo, como a Anunciação, a Natividade, o Massacre dos Inocentes e a Adoração dos Magos. Esses seriam datados do século IV, mesmo século em que tais festas litúrgicas foram definidas. O propósito dessas imagens, assim, não era ilustrar a história da Natividade, mas servir como testemunho e afirmação da chegada do Messias.<sup>42</sup>

A partir do século XI ocorre um movimento de reforma no seio da Igreja, liderado pelo Papa Gregório VII, que suscita uma série de disputas pela liderança da Igreja reformada. Nesse contexto, a figura de Maria também acaba por sofrer ressignificações. A Virgem passa a ser identificada com a hierarquia eclesiástica e temporal da Igreja e, por meio da representação mariana, afirma-se a soberania territorial e espiritual.

Também a partir desse século, acentua-se seu papel de intercessora privilegiada e mãe de todos os fiéis, passando da humildade misericordiosa às honras e glorificações. Ela é a mediadora universal.<sup>43</sup> Sua iconografia iguala-se em importância e profusão à iconografia de Cristo.<sup>44</sup> É a partir desse período que a devoção mariana cresce, fomentada pelas ordens de Cluny, de Cister e pelos mendicantes. Essas ordens reformulam a maternidade da Virgem e seu poder de intercessão ao insistir nas relações filiais dentro da ordem da graça.<sup>45</sup>

Ainda, com o advento da *devotio moderna*<sup>46</sup>, que encorajava os fiéis a se identificarem pessoalmente com as figuras de Cristo e Maria através de intensa meditação e internalização de suas experiências, a expansão das línguas vernáculas e o surgimento de novas práticas devocionais, a figura mariana se torna mais acessível aos leigos.

Nesse contexto, a partir do século XII as cenas que mostram passagens da vida de Maria relacionadas a festas litúrgicas, representadas desde o século IV, passam a integrar ciclos iconográficos juntamente com cenas da infância da Virgem, baseadas nos relatos apócrifos. A ênfase em seu significado muda, então, de cristológico para mariológico. Constitui-se, assim, o ciclo iconográfico da Vida da Virgem, com oito cenas bem definidas, seguindo uma ordem cronológica dos acontecimentos: a Anunciação, a Visitação, a

---

<sup>42</sup> *Ibidem.*

<sup>43</sup> *Ibidem*, p. 269.

<sup>44</sup> IOGNA-PRAT, D.; PALAZZO, E.; RUSSO, D. *Op. cit.*, p. 284.

<sup>45</sup> IOGNA-PRAT, D.; PALAZZO, E.; RUSSO, D. *Op. cit.*, p. 286.

<sup>46</sup> Movimento ascético e místico que surge nos Países Baixos durante o século XV visando à conversão íntima da existência cotidiana concreta e tem como modelo a humanidade do Cristo. Encoraja os devotos a se representar mentalmente em certos momentos da vida do Cristo, principalmente durante a Paixão, através de exercícios de meditação. LAMY, Marielle. *Devotio Moderna*. In.: GAUVARD, C.; LIBERA, A.; ZINK, M. *Dictionnaire du Moyen Âge*. Paris: PUF, 2002, pp. 407-8.

Natividade, o Anúncio aos Pastores, a Adoração dos Magos, a Apresentação no Templo, a Fuga para o Egito e a Coroação ou Morte da Virgem.

Estas oito cenas formam o núcleo central do ciclo e são as mais conhecidas. Entretanto, outras cenas também podem ser incorporadas, como o Nascimento da Virgem, sua Apresentação no Templo e suas bodas com José. Exemplos de ciclos mais longos podem ser encontrados na série de dezenove gravuras feitas por Dürer em 1511<sup>47</sup> e nas paredes da Capela Scrovegni, em Pádua, pintadas por Giotto entre 1304 e 1306, que representou seis cenas da vida de Joaquim e Ana, dez cenas da Vida da Virgem e vinte e duas cenas da Vida de Cristo, compondo um grande ciclo que se mistura de forma cronológica e teológica.<sup>48</sup>

No entanto, é sob a forma de iluminuras, principalmente dentro de livros de horas, que encontramos a maior ocorrência deste ciclo. Esses códices podem ser definidos como livros de orações que continham o Pequeno Ofício da Virgem Maria<sup>49</sup> e outros ofícios, salmos e textos – a maioria deles em latim – para a edificação e recitação diárias dos leigos de acordo com as horas canônicas. Sua leitura também era considerada um meio eficaz de preparação para a hora da morte e para se alcançar a salvação.

O ofício da Virgem possui leituras, respostas, antifonas, salmos, versículos, hinos e orações para cada uma das oito horas canônicas, cujo grande tema é a Encarnação de Cristo, e o papel desempenhado por Maria em sua infância, numa ordem cronológica. Conformando-se com este tema, encontramos também no início de cada hora canônica do Pequeno Ofício da Virgem o ciclo iconográfico de sua vida, na seguinte ordem: nas matinas, a iluminura da Anunciação; nas laudes, a iluminura da Visitação; nas primas, a Natividade; nas tércias, o Anúncio aos Pastores, única iluminura do ciclo em que a Virgem não aparece; nas nonas, a Apresentação no Templo (ou Circuncisão de Cristo); nas vésperas, a Fuga para o Egito; e nas completas, a Coroação da Virgem (ou Morte da Virgem) (**Imagens 2 - 9**)

Por conjugar o Ofício da Virgem, que continha as principais orações marianas, e o ciclo iconográfico de sua vida, podemos apontar o livro de horas como um dos principais instrumentos por meio dos quais os fiéis podem expressar sua devoção pessoal à Virgem. É através dele, principalmente, que o laicato poderá tentar estabelecer uma relação mais próxima com o mundo divino, sem precisar de intermediários, estando dentro de suas casas ou nas igrejas.

---

<sup>47</sup> Disponíveis em <<http://www.wga.hu/index1.html>> (Acesso em 17 de agosto de 2017).

<sup>48</sup> Cf. FRUGONI, Chiara. *L'affare migliore di Enrico*. Giotto e la capella Scrovegni. Giulio Einaudi, 2008; \_\_\_\_\_. *Gli affreschi della Cappella Scrovegni a Padova*. Giulio Einaudi, 2017.

<sup>49</sup> Versão resumida do Ofício da Virgem criado por Bento de Aniane no século IX.

## Conclusão

Para concluir, é importante perceber a ligação existente entre os textos bíblicos, os evangelhos apócrifos, a *Legenda Áurea*, as orações, a iconografia e o culto mariano: os textos, tanto bíblicos como apócrifos, são o ponto de partida de todas as interpretações dadas pelos teólogos à história de Maria. Tais interpretações fomentam o surgimento do culto, no qual as orações e a iconografia são elementos centrais. Mais do que isso, tanto as orações quanto a iconografia baseiam-se justamente nas fontes escritas sobre Maria, conforme vimos nas páginas acima.

Apesar de haver uma correspondência entre a iconografia da Vida da Virgem e os textos bíblicos e apócrifos que narram as passagens de sua vida – e formam a principal fonte de inspiração para os artistas –, há outros elementos dos quais eles se utilizam, provenientes de uma longa tradição iconográfica baseada em outras representações de mesmo tema, e em costumes e hábitos de cada região, além das influências das orações marianas.

É preciso destacar que este ciclo iconográfico traz em si uma lógica narrativa e cronológica de apresentação, e que de fato nos conta uma história: a história da infância de Cristo e o papel central de Maria nesse período da vida do Messias. Ou seja, ao mesmo tempo em que elas conjugam momentos-chave da vida da Virgem, que têm significados teológicos importantes, elas contam a história de sua vida, oferecendo exemplos de comportamento e de atitude a serem buscados pelos devotos.

Assim, percebemos que a iconografia da vida da Virgem adquire um significado especial: ela é a representação visual do modelo mariano de vida santa, de suas atitudes e de sua fé, comunicando-se diretamente com o fiel. O fato desta iconografia estar presente nos livros de horas reforça o papel devocional atribuído à Virgem, conectando-a à prática da oração privada e à devoção pessoal. Quem melhor representaria essa ligação entre o mundo terrestre e o mundo celeste do que a Virgem? E se é ao mundo celeste que aspiram os fiéis, a quem melhor endereçar suas súplicas?

## Referências bibliográficas

### Fontes primárias

*Bíblia de Jerusalém*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Paulus, 2002.

VARAZZE, Jacopo, c. 1230-1289. *Legenda Áurea* (trad. Hilário Franco Júnior). São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

ZILLES, U. *Evangelhos Apócrifos*. Porto Alegre: EdiPuc-RS, 2004.

**Dissertações**

CORREA, F. *Arte e devoção*. A maternidade da Virgem Maria no acervo da Fundação Eva Klabin. Séculos XV e XVI. 2014. 166 f. Dissertação de Mestrado (Mestrado em História Social). Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

**Livros**

BROWN, Michelle. *Understanding Illuminated Manuscripts: a Guide to Technical Terms*. Los Angeles: The J. Paul Getty Museum: The British Library, 1994.

GAUVARD, C.; LIBERA, A.; ZINK, M. *Dictionnaire du Moyen Âge*. Paris: PUF, 2002.

HAMEL, Christopher. Book of Hours. In.: TURNER, Jane (ed.). *The Grove Dictionary of Art*. Londres: Macmillan Publishers Limited, 1996, p. 369-372.

IOGNA-PRAT, D.; PALAZZO, E.; RUSSO, D. *Marie: le culte de la vierge dans la société médiévale*. Paris: Beauchesne, 1996

MARTIMORT, A.G. A Liturgia e o Tempo. Vol. IV de *A Igreja em Oração: introdução à liturgia*. Petrópolis: Vozes, 1992.

PELIKAN, J. *Mary Through the Centuries*. Her Place in the History of Culture. New Haven: Yale University Press, 1996.

RUBIN, M. *Mother of God – a History of the Virgin Mary*. New Haven & London: Yale University Press, 2009.

SCHILLER, G. *Iconography of Christian Art*. Volume I. Great Britain: New York Graphic Society Ltd, 1971.

WARNER, M. *Alone of All Her Sex: the Myth and Cult of the Virgin Mary*. New York: Vintage Books, 1983.

WIECK, R. *Time Sanctified*. The Book of Hours in Medieval Art and Life. New York: George Braziller Inc, 2001.

**Imagens:**

Livro de Horas para Uso de Paris. Disponível em: <<http://www.getty.edu/art/collection/artists/1116/boucicaud-master-french-active-about-1390-1430/>> (Acesso em 14 de agosto de 2017).

A Virgem com o Menino e um profeta. Disponível em: <<http://mupris.net/museo.html>> (Acesso em 17 de agosto de 2017).



## 1. Anexos



**Imagem 1.** Artista desconhecido. A Virgem com o Menino e um profeta, séc I. Afresco. Catacumbas de Priscila, Roma, Itália.



**Imagem 2.** Mestre Boucicaut e ateliê. Anunciação, f. 21. Livro de Horas para Uso de Paris, Paris, 1415-1420. Los Angeles: The J. Paul Getty Museum (Ms. 22).



**Imagem 3.** Mestre Boucicaut e ateliê. Visitação, f. 48. Livro de Horas para Uso de Paris, Paris, 1415-1420. Los Angeles: The J. Paul Getty Museum (Ms. 22).



**Imagem 4.** Mestre Boucicaut e ateliê. Natividade, f. 60v. Livro de Horas para Uso de Paris, Paris, 1415-1420. Los Angeles: The J. Paul Getty Museum (Ms. 22).



**Imagem 5.** Mestre Boucicaut e ateliê. Anúncio aos Pastores, f. 67. Livro de Horas para Uso de Paris, Paris, 1415-1420. Los Angeles: The J. Paul Getty Museum (Ms. 22).



**Imagem 6.** Mestre Boucicaut e ateliê. Epifania, f. 72. Livro de Horas para Uso de Paris, Paris, 1415-1420. Los Angeles: The J. Paul Getty Museum (Ms. 22).





**Imagem 7.** Mestre Boucicaut e ateliê. Apresentação de Jesus no Templo, f. 78v. Livro de Horas para Uso de Paris, Paris, 1415-1420. Los Angeles: The J. Paul Getty Museum (Ms. 22).



**Imagem 8.** Mestre Boucicaut e ateliê. Fuga para o Egito, f. 81. Livro de Horas para Uso de Paris, Paris, 1415-1420. Los Angeles: The J. Paul Getty Museum (Ms. 22).



**Imagem 9.** Mestre Boucicaut e ateliê. Coroação da Virgem, f. 88v. Livro de Horas para Uso de Paris, Paris, 1415-1420. Los Angeles: The J. Paul Getty Museum (Ms. 22).